

# Em Torno da Dialética entre a espada e a palavra

*Em Torno da Dialética entre a espada e a palavra –*  
Vinícius Bandera

**Biografia do autor:** Pós-doutorado História Social (USP). Doutorado Sociologia (UFRJ). Mestrado Ciência Política (UNICAMP). Graduação Ciências Sociais (UFF). Graduação História (UFF). Autor dos livros *Ordenação social no Brasil: liberalismo, cientificismo e “menores abandonados e delinquentes”* (Ed. UFRJ); *Náufragos da fé* (Laço Editorial); *Mulheres da vida* (Multifoco) e *A genealogia em Foucault: do poder baseado na soberania ao poder panóptico* (NEA Edições). Professor universitário.

**Resumo do texto:** A presente dramaturgia está inspirada – e não baseada – na peça teatral *O mendigo e o cachorro morto*, de Bertolt Brecht. A intenção precípua é defender a hipótese de que a vida humana está constantemente condicionada por disputas que têm por finalidade a imposição de uma dominação de indivíduos sobre indivíduos e de classes e grupos sociais sobre classes e grupos sociais. Essa disputa acontece pela violência da espada e/ou pela astúcia da palavra, sendo que, ao longo do processo civilizatório, a palavra sobrepujou a espada, colocando-a a seu serviço, com a função de garantir, em última instância, a ordem construída pela palavra. Os seres humanos vêm vivendo, ao longo da história, envolvidos na dialética entre a espada e a palavra, e dessa dialética resulta a dominação de uns sobre outros. Na peça aqui apresentada, vemos uma disputa entre a espada, representada pela imperatriz, e a palavra, representada pelo mendigo. Ambos estão em um momento inicial de disputa, no qual a imperatriz tem um poder bem maior. Entretanto, com a dinâmica da disputa, o mendigo leva vantagem ao trazer a imperatriz para a sua condição humana de miserabilidade, na qual a imperatriz é destituída da espada ao ser transformada em uma prostituta de baixo nível, sob o comando e dependência do mendigo, detentor do poder maior que é o poder da palavra. Diferentemente da peça de Brecht, o nosso mendigo não é cego, pois entendemos que se o deixássemos cego ele teria enfraquecida a sua compreensão e sua posição de ser a palavra ativa a disputar com a espada também ativa.

## 01. EXTERNO. PALÁCIO – ENTRADA – DIA

Ouve-se a música *Adágio Assai* (Beethoven).

Na imensidão do céu claro, algumas nuvens sofrem metamorfoses contínuas, à deriva. O pórtico do palácio destaca-se com imponência.

Ouvem-se salvas de canhão, misturadas à música de Beethoven.

De repente, como que surgida do nada, aparece a imperatriz, vestindo um manto imperial, tendo uma coroa enterrada na cabeça, o que provoca sangramento, deixando aparecer manchas de sangue coagulado.

Ela lança lentos olhares imperiosos para os lados até deter-se e fitar a sua dianteira com um ar superior. Deixa-se ser cultuada por um mundo imaginário de súditos.

Repicam sinos e tiros de canhão ecoam para saudá-la.

Corta-se a música (*Adágio Assai*).

A imperatriz olha pela primeira vez para baixo e vê algo que a desagrada. Mostra-se contrariada, mas sem perder a elegância imperial.

**Imperatriz** – No momento em que vou celebrar o meu triunfo sobre o meu maior inimigo, quando o país mistura meu nome com o fumo negro do incenso, há um mendigo deitado diante da minha porta, fedendo à miséria. Mas, em meio de grandes acontecimentos, convém conversar com o nada. Homem, você sabe por que dobram os sinos?

64

Deitado no chão, a poucos centímetros dos pés da imperatriz, o mendigo fita o céu como se acompanhasse as nuvens, indiferente à pompa em torno dela. Depois de um breve tempo, ainda deitado, colocando as mãos sobre a cabeça, ele responde à imperatriz, continuando a demonstrar indiferença.

**Mendigo** – Sim, eu sei por que os sinos dobram. Meu cachorro morreu.

**Imperatriz** – Isso foi uma insolência?

**Mendigo** – (*arrumando seus andrajos, sem olhar para a imperatriz*) Não! Foi velhice. Aguentou até o fim. Eu pensava: por que as patas dele tremem assim? Ele tinha apoiado as da frente no meu peito. Ficamos deitados assim até a morte, mesmo quando começou a esfriar (*senta-se no chão, ficando quase entre as pernas da imperatriz*). Mas de madrugada ele já estava morto e eu o afastei de mim. Agora não posso mais voltar para casa, porque ele está apodrecendo e cheira mal.

**Imperatriz** – Por que você não o joga fora?

**Mendigo** – Não é da sua conta! Agora você tem o peito oco como um buraco no esgoto, pois fez uma pergunta boba. Todos fazem perguntas bobas. Perguntar já é bobagem!

**Imperatriz** – Mas mesmo assim vou continuar perguntando: quem cuida de você? Porque, se não tem quem cuide de você, vai ter que ir embora, aqui não se pode admitir carne podre nem gritaria.

**Mendigo** – Eu estou gritando?

**Imperatriz** – Agora é você quem está perguntando, embora com certo sarcasmo que não compreendo.

**Mendigo** – Sim, isso eu não sei, porém se trata de mim.

**Imperatriz** – Não faço caso de você. Mas quem cuida de você?

**Mendigo** – De vez em quando, um menino, que um anjo fez na mãe dele enquanto ela colhia batatas.

## **02. INTERNO. PALÁCIO – SALÃO DE REFEIÇÃO – DIA**

Uma mesa farta. Um banquete: dois frangos assados, farofa, frutas diversas, taças, vinhos ... Mendigo arranca com a mão a coxa de um frango e a come como um animal esfomeado. Imperatriz, com elegância, tira suas luvas finas, depois segura um cacho de uvas. Tira uma uva e a come com bastante etiqueta. Olha para o mendigo com reprovação e nojo, mas esforçando-se por manter a classe. Mendigo coloca vinho em uma enorme taça. Toma o vinho com uma mão, enquanto pega outra coxa de frango com a outra. Come o frango. Lambuza-se de frango e vinho, o qual se derrama sobre sua roupa esfarrapada. Imperatriz o interroga:

**Imperatriz** – Você não tem filhos?

**Mendigo** – Foram embora.

**Imperatriz** – Como o exército do Imperador Ta Li, que as areias do deserto engoliram?

Mendigo levanta-se e fala enquanto anda. Com uma mão, come o frango; com a outra bebe vinho.

**Mendigo** – Ele atravessava o deserto e os seus homens disseram: é longe demais! Volte, Ta Li. E ele respondia cada vez mais alto: esta terra precisa ser conquistada. Marchavam todos os dias até gastar os sapatos, então sua pele rachou, e continuaram marchando de joelhos. Uma vez, um tufão derrubou um cavalo deles. Ele morreu diante dos olhos de todos, uma vez chegaram a um oásis e disseram: isto faz parte de nossa conquista. Aí o filhinho do Imperador caiu numa cisterna e se afogou. Guardaram sete dias de luto, a dor que sentiam era infinita. Uma vez, viram mais cavalos morrerem. Uma vez, as mulheres não puderam mais segui-los. Uma vez, chegou o vento e a areia cobriu a todos, e então acabou tudo e voltou o silêncio, e a terra foi deles, e eu esqueci o nome deles.

**Imperatriz** – Como é que você sabe disso? Está tudo errado. Foi bem diferente.

**Mendigo** – Quando ele era tão forte que eu parecia seu filho, fugi, porque não permito que ninguém me domine.

**Imperatriz** – De que você está falando?

Mendigo começa a declamar o trecho final da peça *A exceção e a regra* (Brecht), encaminhando-se para sentar-se. Vez ou outra, dirige o olhar cúmplice à plateia.

**Mendigo** – “Assim termina a história de uma viagem que vocês viram e ouviram (*olha para a plateia*). E viram o que é comum e o que está sempre ocorrendo (*senta-se no mesmo lugar de antes*). Mas a vocês (*olha para a plateia*) nós pedimos: no que não é de estranhar, descubram o que há de estranho! (*Imperatriz atenta ao que o mendigo diz*). No que parece normal, vejam o que há de anormal. No que parece explicado, vejam o quanto não se explica. E o que parece comum, vejam como é de espantar. Na regra, vejam o abuso. E onde o abuso apontar, procurem remediar!”

Após declamar, exausto e bêbado, ele deita a cabeça sobre o prato, onde estão os ossos de frango e demais restos de comida. Dorme. Imperatriz observa-o com indiferença, por um instante. Em seguida, pega uma bolsa (moderna) embaixo da mesa, coloca-a sobre a mesa, afastando pratos e talheres, tira um espelho e um estojo de maquiagem, passa batom nos lábios, maquia-se, indiferente ao mendigo, que continua dormindo com a cara no prato.

### 03. EXTERNO. FLORESTA COM BASTANTES ÁRVORES – DIA

66

Ouve-se uma música silvestre, semelhante àquelas usadas para meditação.

Na floresta densa, há um atalho principal e vários atalhos secundários. O sol penetra por entre as árvores, tingindo o ambiente de uma luz difusa e evanescente. Passarinhos voam de galho em galho. Um ou outro animal silvestre aparece e desaparece.

De repente, aparece o mendigo, com a mesma roupa, saindo de uma ramagem e encostando-se em uma árvore. Olha para cima, contemplando o firmamento e fala como se estivesse falando sozinho.

**Mendigo** – Passavam nuvens. Perto da meia-noite apareceram estrelas. Depois foi tudo silêncio

**Imperatriz** – (*saindo do meio do mato, onde estava escondida*) As nuvens faziam barulho?

Dialogam sem se olharem. Diálogo introspectivo, interiorizado.

**Mendigo** – (*entrando no mato, andando em torno de uma árvore, desaparece depois aparece*) É verdade que morreu muita gente nas cabanas sujas perto do rio que transbordou na semana passada; não conseguiram atravessar.

**Imperatriz** – (*andando com as mãos para trás*) Já que você sabe tudo, você nunca dorme?

**Mendigo** – (*andando, passando por ela sem olhá-la*) Quando eu me deito em cima das pedras, a criança que acabou de nascer chora. E então sopra um vento novo.

**Imperatriz** – (*andando por um atalho da floresta*) Ontem à noite, o céu estava estrelado, nin-

guém morreu perto do rio, não nasceu criança nenhuma, não soprava nenhum vento.

**Mendigo** – *(seguindo a imperatriz)* Então você deve ser cega, surda e ignorante. Ou é maldade sua.

Imperatriz e mendigo ficam por um tempo em silêncio, observando algo na mata. Andam na ponta dos pés em busca desse algo. Ela põe o dedo nos lábios, pedindo silêncio. Depois, ela se volta, passando pelo mendigo, deixando-o a observar o algo.

**Imperatriz** – *(descendo um atalho, afastando ramos da folhagem)* O que você faz o tempo todo? Eu nunca vi você. De que ovo você saiu?

**Mendigo** – *(em cima de uma árvore, descontraído)* Hoje percebi que este ano o milho está ruim porque não choveu. Um vento tão escuro e quente sopra dos campos.

**Imperatriz** – *(abraçando a árvore em que está o mendigo, olhando para ele lá em cima)* É verdade. O milho não está bom.

**Mendigo** – *(olha para ela e às vezes para alguns pontos na floresta)* Assim aconteceu há trinta e oito anos. O milho torrou ao sol e, antes que morresse, caiu uma chuva tão forte que apareceram ratos e devastaram todos os outros campos. Depois entraram nos povoados e mordeceram as pessoas. Esse alimento matou os ratos.

**Imperatriz** – *(olhando para cima, para o mendigo, e gritando com sarcasmo)* Nunca soube nada disso. Deve ser também invenção sua, como todo o resto. A história não fala nada disso.

Mendigo fica introspectivo, indiferente ao rancor da imperatriz. Olha para o firmamento como que querendo obter alguma resposta para os seus questionamentos interiores. Olha para baixo, a imperatriz já não está no lugar onde estava.

**Mendigo** – *(olhando para a frente)* Não existe a história.

**Imperatriz** – *(aproximando-se do mendigo para falar-lhe quase ao ouvido)* E Alexandre? E César? E Napoleão?

**Mendigo** – *(voltando-se para a imperatriz, que se afasta)* Histórias! *(tornando a olhar para frente)* Quem é esse tal de Napoleão?

**Imperatriz** – *(deitando-se no banco, olhando para a plateia)* Aquele que conquistou metade do mundo e sucumbiu pela própria soberba.

**Mendigo** – *(olhando para a imperatriz)* Isso é coisa que só dois podem acreditar: ele e o mundo. É falso! A verdade é que Napoleão era um homem que remava numa galera e tinha uma cabeça *(olhando para a frente)* tão grande que todos diziam: não podemos remar porque sobra muito pouco espaço para os nossos cotovelos. Quando o barco afundou, porque não remavam, ele encheu a cabeça de ar e se salvou, só ele. E, como estava acorrentado *(deitando-se no banco)*, teve de continuar remando, não via para onde e todos tinham se afogado. Então, pensando no mundo, ele abanou a cabeça, e, como era pesada demais, ela se despreendeu.

**Imperatriz** – Essa é a maior tolice que escutei na vida. Você me decepciona muito com essa história. Outras suas pelo menos estavam não tão mal contadas. Mas que opinião você tem sobre sua imperatriz?

**Mendigo** – Não existe imperatriz. Só o povo pensa que existe uma, e só um único ser pensa que é imperatriz. Quando tiverem construído bastantes carros de guerra e os tambores estiverem treinados, haverá guerra e vão procurar um adversário.

**Imperatriz** – Mas a imperatriz derrotou seu adversário.

**Mendigo** – Matou. Não derrotou. A idiota matou o idiota.

**Imperatriz** – Era um inimigo forte. Acredite.

#### 04. EXTERNO. RUA – NOITE

A imperatriz/prostituta está em uma esquina, rodando uma bolsinha, oferecendo-se, esperando clientes. Veste a roupa de imperatriz, inclusive a coroa na cabeça. Usa luvas finas. Num dado momento, tira a coroa da cabeça e coloca sob o braço. Arrumando o cabelo, num gesto vulgar, tira as luvas, aparentando classe. Senta na calçada de maneira mais vulgar ainda. Fuma um cigarro que tira da bolsa. Olha-se no espelhinho que tira da bolsa.

O mendigo vem com seu saco às costas, catando latinha, papelão etc. Remexe uma lata de lixo. Come alguma coisa que pega na lata de lixo.

Mendigo aproxima-se da imperatriz/prostituta.

68

#### 05. INTERNO. QUARTO DE HOTEL DE BAIXO NÍVEL – NOITE

Sobre a cama, lado a lado, estão deitados o mendigo e a imperatriz/prostituta, cobertos por um mesmo lençol. Dormem, indicando que transaram. Depois de um tempo (de 30 a 40 segundos), a imperatriz/prostituta senta-se na cama, enrolando-se no lençol, vai até o banheiro. Mendigo continua deitado. Imperatriz/prostituta toma uma ducha, enquanto canta a todo vapor a música *Por que brigamos*, que foi gravada pela Diana, uma versão brasileira de Rossini Pinto para a música *I am. I said...*, de Neil Diamond e grande sucesso dos anos 1970, principalmente nos prostíbulos brasileiros:

“Quando é noite de regresso, você briga por qualquer motivo. Confesso que tenho vontade de ir pra bem longe, pra nunca mais te ver. Ó meu amado, por que brigamos? Não posso mais viver assim sempre chorando A minha paz estou perdendo. A nossa vida deve ser de alegria, pois eu lhe amo tanto (...) Hoje só resta uma chama apagando, o medo de ficar só me apavora, e eu me desespero, só me resta pedir sua ajuda, pedir que você não me deixe, meu amor”.

Mendigo já acordou, está vestido e pega um resto de sanduíche em seu saco de lixo e começa a comê-lo. Enquanto come, com olhar desconcentrado, começa a falar:

**Mendigo** – Um homem bota pedrinhas no meu arroz. É esse o meu inimigo. Ele se vangloriava porque tinha a mão forte (*anda*), mas morreu de câncer. E, quando fecharam o caixão, a mão dele ficou presa para fora e não perceberam quando levaram o caixão, de modo que a mão ficou pendurada, vazia, desamparada, nua.

**Imperatriz** – (*dentro do banheiro, olhando-se no espelho, acabando de vestir o seu manto, colocando a coroa na cabeça*) Mas que conversa mais sem pé nem cabeça. Se você quer tirar onda de maluco, é bom pagar logo o que me deve.

**Mendigo** – (*sentado na cama, desolado*) Antes as nuvens passavam no céu, sem parar. São elas que eu contemplo. Não param nunca.

**Imperatriz** – (*saindo do banheiro e entrando no quarto*) Então, como é que é? Vai pagar ou quer que eu chame o meu cafetão?

A imperatriz veste as suas luvas aparentando elegância.

**Mendigo** – Agora não há nuvens no céu, portanto você está delirando. Isso é claro como o sol.

**Imperatriz** – Que porra é essa? Vai pagar ou não? Você quis foder, fodeu. Agora tem que pagar.

**Mendigo** – Quanto que é?

**Imperatriz** – Cinco real. Se quiser mais, tem que pagar mais.

**Mendigo** – Posso pagar com umas latinhas que catei?

**Imperatriz** – Tu tá querendo morrer? Vou te passar o cerol!

**Mendigo** – Tô desempregado. Não consigo arranjar emprego. O dinheiro que ganho catando latinha não dá nem pra comer.

**Imperatriz** – Foda-se! Se não pagar, vou mandar te matar. Chega de caô! Foda-se o mundo que eu não me chamo Raimundo! Nem Raimunda!

A imperatriz vai ao banheiro raivosa. O mendigo anda pelo quarto, falando:

**Mendigo** – Era um cachorro bom, não um cachorro qualquer. Merecia o melhor. Até me trazia carne, e de noite dormia no meio dos meus trapos. Uma vez, houve uma grande gritaria na cidade, todo mundo tinha alguma coisa contra mim, porque não dou nada de importante para ninguém, e até os soldados vieram atrás de mim. Mas o cachorro afugentou a todos.

Imperatriz, sentada no vaso sanitário, pensativa, urinando. Ouve-se o ruído característico. Depois de um silêncio, começa a cantar outra música brega, *A dama de vermelho*, composta por Ado Benatti e Jeca Mineiro, cantada pelo Waldick Soriano, Reginaldo Rossi e outros mais, inclusive seus compositores.

**Imperatriz** – “Garçom, olhe pelo espelho, a dama de vermelho, que vai se levantar. Note que até a orquestra fica toda em festa quando ela sai para dançar. Esta dama já me pertenceu, e o culpado fui eu, da separação. Hoje choro de ciúmes, ciúme até do perfume que ela deixa no salão. Garçom, amigo, apague a luz da minha mesa! Eu não quero que ela note em mim tanta tristeza. Traga mais uma garrafa! hoje vou me embriagar! Quero dormir para não ver outro homem lhe abraçar”.

**Imperatriz** – *(depois de dois minutos pensativa, a andar em torno, pergunta)* Você gosta de Brecht?